



14.8

# antologia

capa de moacir rodrigues santos

## PREFÁCIO

NA INICIATIVA DESTES GRUPO de jovens estudantes do Centro de Ensino Médio Elefante Branco, de reunir trabalhos vários neste Caderno, configura-se um ideal literário de inegável validade, pela espontaneidade como se manifesta.

Essa incipiente tentativa de “representar em criações individuais, forma e pensamento do grupo social” que fazem, confirma observações que antes divulgamos (\*), relativas a um processo, em desenvolvimento, de interação intelectual na região de Brasília, necessitado pelo contacto com uma realidade intemporal, objetivando integração espiritual de elementos de procedência diversa, circunstancialmente reunidos nesta região.

As manifestações literárias contidas neste pequeno volume, em sua heterogeneidade de valor individual e de maneira de exprimir o sentimento, demonstram, sobretudo, uma ação conjugada ideal pela participação (inconsciente, é certo) no complexo cultural brasiliense, tanto mais expressivo, por sua autenticidade como desejo de criação artística.

Não dispondo de um veículo para a divulgação de suas experiências literárias — sobre as quais se aprimora o estilo, se realiza a capacidade criadora — preferiram entregar à seleção dos mestres os primeiros resultados, dispondo-se a apresentá-los ao público leitor em forma de livro, aquilo que para cada um representa o interesse de encontrar um meio de expressão de suas preocupações literárias.

Nesta pequena coletânea estão reunidos trabalhos de Maria de Lourdes Teodoro (poesia e conto), Carlos Farias Pontes (poesia e crônica), Alice Fontes de Carvalho, Luciano Bemfica, Marcos Ribas, (poesias), Francisco de Paula da Silva Mendes, Victor Barrie Knapp, Reginaldo Seixas Fonteles, Hermes Brasil, Guido Heleno e Moacir Rodrigues Santos (contos e crônicas).

Com maior e menor mérito, valem todos, contudo, pelo esforço que cada qual representa.

Instados para apresentar esta edição sentimo-nos tanto mais satisfeitos, por constatar que numa geração vazia de ideais, feita em linha de montagem — a julgar-se pela estandardização dos gostos, das preferências e da inexpressividade intelectual — sobram ainda (defeitos de fabricação, por certo) um punhado de jovens diferentes, voltados para as coisas do espírito, com preocupação de aprender, e reduzir o aprendido a formas literárias.

Evidentemente, não encontrará o leitor neste caderno uma antologia — que é obra de duração, como tal impondo-se ao destaque entre outros trabalhos no gênero, ou diverso de um autor. Sem embargo irá tomar contacto com um grupo de jovens inteligentes, alguns dos quais, já com uma personalidade delineada, capaz, assim de, em continuando estas primeiras experiências, realizar-se, amanhã, transcendendo do plano local ao nacional.

Daí, que com a compreensão de seu esforço presente, merecem simpatia e admiração, que é o estímulo para novas realizações.

Maio, 1966

*E. D'Almeida Vitor*

#### NOTA DOS EDITORES

*Com grande júbilo e maior esperança, foi que — quando procurados por um grupo de jovens estudantes do "ELEFANTE BRANCO" — nos associamos ao lançamento desta antologia, possibilitando sua edição.*

*Estreantes, também nós, como editores, deixamos de lado o interesse financeiro para estimular a continuação de iniciativas semelhantes, na esperança de que estas sejam um bom caminho para o aprimoramento intelectual da nossa juventude estudiosa.*

Brasília, maio de 1966

GRÁFICA HORIZONTE EDITORA  
J. Geraldo A. Vasconcelos

(\*) "Brasília ano V: O processo Cultural" — "Correio Braziliense Cultural" 22-8-1965).

## MAGIA INFERNAL

*Maria de Lourdes Teodoro*

  mundo mundéu  
  enterro na cara  
  meu chapéu  
  chamam meu nome  
  grita minha fome  
  sem terra sem céu.

    prêso aos barrancos  
    não vejo forma nenhuma  
    que não minha fome  
    sem rumo  
    no rumo  
    de meus clamores.

  além chapadão  
  meu nome  
  —tabaréu—  
  sem som  
  na massa que arrasta  
  e torna murchos os bordos  
  verdes  
  do meu chapéu.

  mundo mundéu  
  enterro na cara  
  meu chapéu  
  cheio de odores,  
  nuvem de caras  
  fazendo noite  
  sôbre meu céu.

# PARANOÁ

*Carlos Farias Pontes*

na barragem  
a aragem  
refresca  
os ares  
e os pesares  
e azares  
se vão  
nas suas  
asas.

entre água  
—norte—  
e sol  
—sul—  
o céu  
azul  
une  
os traços  
os passos  
num abraço.

ribanceira  
a cachoeira  
se esvai  
pelos prados  
cerrados  
e esparge  
em Brasília  
a chama da Luz  
o fio da Esperança.

tade de não ser como eles. De não ter aquela forma erecta e rastejante. Forma cujas entranhas estão latentes. E porque estão latentes é que é preciso alguém à espera. (Desmerecem o homem que colhe os frutos da terra para enfeitar suas mesas e deleitar sua gula, unicamente porque esse homem traz em si a côr e o cheiro dessa terra viril.

Não o desprezam menos que à larva que danifica o fruto, quando ele é a larva que edifica...)

Depois dessas idéias, eu tinha os ombros tristes que se olhavam frente a frente no desejo inarrável de se unirem. De não serem apenas um direito e um esquerdo. Minhas pernas tremiam e suplicavam a meu corpo que rastejasse. Só meus olhos se mantiveram firmes e viram ainda mais longe.

Afastei meus ombros, impondo-lhes o vigor incerto de meu peito, com brandura. Convenci-os de que formavam com meu espirito uma unidade. Adiantei o pé direito e a ele somei passos quase insolentes.

Só a mim era dado saber de minha fragilidade. De minha noção de valor nenhum.

Eu os via a todos e não fitava ninguém. Riam. Vinha das mulheres, que transportavam o riso assim como os operários passam as telhas de um para o outro, para cobrir o teto.

Quando senti que tôdas riam de mim, com mais escárnio do que ririam de um rato que corresse tímido pela sala, com mais asco do que lhes imporia uma môsca que lhes estragasse a bebida, apressei-me para poupar a mim mesma martírio mais demorado. E não chegava nunca. As luzes ficaram mais fortes e minha roupa exhibia todo seu aspecto mendigo.

Afloriu-me um ansioso desejo de chegar até minha irmã e cair aos pés dela como quem se salvou de um naufrágio e alcança uma ilha de paisagem terna: talvez eu tenha corrido, pois um homem de roupa azul escuro e gravata branca pôs a mão hostil em meu ombro. Mão que lembrava os soldados que dissolvem motins, arrastam prisioneiros. Lembrei-me da fragilidade de meus ombros. Mas nada podia fazer por eles. Só quando isso aconteceu, os homens riram. E só ririam se isso acontecesse, pois a carranca era mostra da ofensa que minha forma significava para os olhos de suas mulheres. Olhos que precisavam de detalhes fluorescentes para sentirem a seiva da vida.

A mão forte impôs-me com aparente delicadeza o caminho da saída. E eu disse: está à morte alguém da família e preciso avisar à irmã da doente. Ele lançou-me um olhar vazio. Virou-se para as mulheres, que separaram os ombros e levantaram arrogantemente a cabeça. Olhou os homens que numa expressão rude deixaram concluir a ordem de execução feita com o polegar baixado, usada nos combates romanos.

Segui com passos de gladiador que tomba devagarinho sob suas armas. Seguí com os olhos da fome.

Eu era a única pessoa que podia dar a minha irmã a notícia de minha morte.

## VÊ?

*Alice Fontes de Carvalho*

VÊ?

É o vento que canta ou clama,  
não sei bem o quê.

VÊ?

É o pombo que ama fazendo barulho,  
barulho que é canto, canto que é feio,  
prá tanto bonito que o pombo é.

VÊ?

Na tarde que cai, horizonte infinito  
nuances de côres, só Deus Prá Fazê.

VÊ?

A tez bronzeada, curtida, cansada,  
do homem de mãos calejadas que constrói  
o futuro sem ao menos sabê.

VÊ?

O ventre empinado mostrando criança  
que tá prá nascê.

VÊ?

Vertentes que cortam o seio da terra,  
Centro nervoso, prá progresso trazê.

VÊ?

Cidade plantada no solo insurreto  
na terra vermelha que luta incessante  
contra o verde que é bom de se vê.

VÊ?

Rincão que brota, por mãos construído,  
na terra Doadá por Deus que é tua e que é  
nossa, em verso ou em prosa, odisséia de bravos,  
RINCÃO DE ESPERANÇA, É

BRASÍLIA, irmão.

# DEPOIS DA CHUVA

*Luciano Belfica*

Ainda há pouco chovia...  
cheiro da terra  
cheiro da chuva  
mormaço que embriaga.

Ainda há pouco chovia...  
o povo está embriagado  
da verdade pura  
que a chuva nos traz  
... e adormece.

Ainda há pouco chovia...  
o povo dorme  
no silêncio irritante  
dessa luta constante  
— miséria!

Ainda há pouco chovia...  
e a goteira no barraco  
molhou o homem  
    quis acordá-lo  
— onde está o homem?

Ainda há pouco chovia...  
a goteira continua,  
são as últimas gôtas  
da chuva que procura o homem  
abatido pela própria  
ignorância do seu valor.

Ainda há pouco chovia...  
agora tudo é enxurrada  
suja e amarela

que passa,  
lama infecta  
— sonho desfeito.

A chuva acabou  
e a terra está devassada  
de olhares febris  
de intestinos famintos

de testemunhas hereditárias  
de rumôres julianos  
— sentimentos efêmeros  
de um povo enoitecido!

## ASCENSORISTA

Marcos Ribas

s		s	
o		o	
b	vai subindo o elevador	b	
e		e	
s	vai surgindo o elevador	s	
o		o	
b	vai sumindo é lava dor	b	
e		e	
d		pára d	
e	e coisas estranhas entre	e	
s	sóbe	s	
c	e	c	
e	desce entre só bedesce	e	
d		d	
e	sapatosemeia sapato de salto	e	
s	sapatomeia sapato sem salto	s	
c	sapato semeia tamanco	c	
e		e	
s		s	
o	mãonalavanca que	o	
b		b	
e	aciona bomba que só eleva	e	
s		só eleva	s
o		só eleva	o
b			b
e	pois é pacífica e só mata quando	e	
d		NÃO FUNCIONA	d
e			e
s			s
c			c

## MORTE IRRESOLUTA

*M. Lourdes Teodoro*

Os homens com os olhares agressivos sob os óculos. Olhos inconfundíveis. As mulheres esmeravam-se em seus trajos e dividiam as pessoas por sua própria vontade em dois grupos: o de homens e o de mulheres. Não conversavam. Dissecavam sua aparência com cândida reciprocidade. Os homens lançavam para elas seus olhares de gordos sultões. Eram bonitas e enormes. Tôdas as ancas tinham-se alargado com vaidade e cego senso de beleza.

Minha irmã estava no andar de cima e eu deveria participar-lhe minha morte. Precisava de alguém para morrer. Seria muito amargo partir sem ver diante de mim um só rosto com faiscas fugidias de esperança. Era vital para minha morte saber que alguém continuaria a minha espera. E só ela seria capaz de continuar andando entre os homens como caminhei. Os olhos vidrados sôbre suas entranhas, com uma remota crença de que não são um mero entrelaçar de instintos. A espera que não se justifica nos homens, mas em quem os criou. A espera que anula minha presença neste carnaval diuturno e incoseqüente.

A sala era suntuosa e eu me vestia de andrajos diante daquele festim.

Ah, como quis tomar a forma de um rato. Talvez as mulheres me usassem para chamar melhor a atenção de seus homens. Talvez rissem de minha condição mesquinha, sob o terror que me infundiam, e se entreolhassem apenas com disfarçado dissabor. Pensei ainda em ser môsca: poderia passar acima de tôdas de modo imperceptível. Mas foi apenas esmagadora von-

# O JUIZ E O RÉU

*Francisco de Paula S. Mendes*

Um fato anormal deve estar acontecendo na cidade, hoje. Há uma hora atrás, o dia amanheceu e, faz pouco, os guardas da Torre Antônio tomaram estranhas atitudes, inusitadas precauções; nervosamente, modificaram a rotina do policiamento. Lá do pináculo em que eles estão, parecem ter suspeitado de um movimento fatalmente grave no meio do povo, dêsse povo que, anualmente, pulula e se aperta nas hospedarias e vielas da Cidade Santa, agora, às vésperas da sua maior Festa Religiosa. Eis porque o Governador está com seus legionários na capital: é preciso assegurar, manter a ordem nestas ocasiões.

Voltando-nos, de repente, para cima, vemos um soldado pretoriano que, num pulo para um mais alto degrau da torre, galga o Pôsto do Vigia, agarra a trombeta ainda úmida de sereno e, num esforço frenético dos pulmões, despede por sôbre os terraços monolíticos, sôbre as ruas, os vales da redondeza, sôbre a multidão e a cidade inteira, uma estridente, aguda e sibilante clarinada de alarma. Quebrou-se, então, a tranqüilidade da metrópole como, igualmente, partiu-se a quietude da fresca manhã de sol. Os negros parapeitos da fortaleza coroam-se pontilhadamente de sêres eretos, fortes e decididos: soldados em posição de alerta; de distância, capacetes e armamentos reluzindo ao sol, e capas vermelhas agitadas pelo vento do deserto. Nas outras tôrres da residência governamental, pelos pórticos e corredores do palácio redobram-se a gravidade, a austeridade e a rigidez do protocolo militar. Contudo, na praça, a despeito daquele aparato, não se nota o mínimo indicio de sublevação, não há luta nem morticínio. O que se lê nas feições dos peregrinos é uma desconfiança.

de fare as reações plasmáticas para este quimido radical no conduto

M. de L. Leite, M. de L. Leite, M. de L. Leite, M. de L. Leite, M. de L. Leite



Surge, todavia, um artifício. Não. Não foi um raio de luz no curso do julgamento para apressar uma decisão definitiva. Foi, antes, um fácil pretexto encontrado pelo Governador da Judéia para despejar sobre os ombros do Tetrarca da Galiléia a responsabilidade do veredicto. Sendo o acusado procedente das bandas galiléias, a esquerda parece a solução. E o Governador remete para o assassino do Batista o súdito galileu, o réu em questão.

O novo Juiz, interpretando o gesto do Procurador como de submissão, agradece-lhe a gentileza fazendo retroceder ao tribunal da praça o processo insolúvel e o processado dentro da veste branca dos loucos. O Tetrarca desprezara o caso, mediante o irremovível e imperturbável silêncio tumular do réu.

Novamente, a branca escadaria do palácio governamental dá passagem ao homem feito joguete dos tribunais e da sanha sistemática da população. Agora, já não é dentro do Pretório. A cena, agora, continua cá fora; o interrogatório vai prosseguir diante do povo, diante do trono, no alto da escadaria, à sombra das águas que encimam os estandartes romanos, entre a colunata, os pórticos e a guarda pretoriana perfilada em duas colunas, ladeando a cátedra. A plebe freme de revolta e de indignação crescentes. Enquanto se retomam os preparativos para a continuação do júri campal, a multidão toma, um tanto insatisfeita, conhecimento de que sua prêsa fora introduzida no pátio do Pretório e amarrada a uma pequena coluna para um pouco mais de suplício. De fato, ouvem-se na praça os estalos dos chicotes e a violência dos açoites nas costas do infeliz réu. Tais coisas brotaram na imaginação fértil do procurador, como recurso para silenciar a plebe e soltar o acusado. Ouvem-se também, agora, as gargalhadas de zombaria, de escárnio e de deboche, os gritos de insulto e blasfêmia da soldadesca que faz do acusado a materialização do ridículo e a encarnação dum rebotalho social.

Abrem-se os portões estreitos do pátio. Por eles passa acabrunhado um homem cambaleante. É o acusado que vem da flagelação. Seu aspecto não encontra adjetivações: nem parece um homem, nem um animal, nem um rei, nem um escravo, só um objeto sangrento. O pobre desamparado que, antes atraía e saciava multidões, aí está. Só. Dois ramos de longos e aguçados espinhos orientais entrelaçam-se, circundando sua cabeça. Nos movimentos do réu, embrutecidos pelo cansaço, tal coroa não pode cair, porque está bem fixa: a golpes de madeira, os espinhos venceram a resistência da caixa craneana e, perfurando-a, penetraram na cabeça do mártir. Apoiado num cetro longo de cana verde, curvado, com um trazo purpurino às costas, como todo

dor exibe, então, ao povo esta figura triste, mostra o Homem. O frêmito que, assim, poderia ser controlado e debelado, cresce revoltante e indignadamente pela simplória obra judicial. O povo não quer suplício, exige a morte. O novo artifício, o da flagelação não dá resultado, como também o da dupla: acusado versus sulcedor das montanhas. O Procurador se apavora mais quando sua amizade a César é posta em dúvida pela multidão.

Os recursos da Procuradoria vão se esgotando. O governador sabe da inocência do acusado, vítima da inveja levítica e farisaica, mas, como persuadir a plebe? Só com a espada. Teme-se, entretanto, o alcance político dessa medida.

Mais perguntas amontoam-se no acusado. Tudo inútil para uma saída convincentemente conciliatória. O tumulto fermenta-se cada vez mais e, se não ocorre uma coluna de soldados, a escadaria é invadida pela massa na superexcitação e no desespero. Jamais a penalidade máxima tinha sido tão unânime e freneticamente invocada pela assistência, ininterruptamente em borbotões de acusação.

Uma vez fracassada a autoridade num pronunciamento criterioso de um julgamento imparcial e justiceiro; uma vez dominada a nulidade, a covardia num homem dono da política local, assenta-se pomposamente no trono para ditar a sentença, apoltrona-se na cátedra de Juiz, a Indiferença; o desprezo por si mesmo se pronuncia; o pouco caso, a covardia, o medo de opinar naquele momento, apossam-se da veneranda figura do substituto de Tibério; o Procurador chama um auxiliar do lado e lhe dá uma ordem. Imediatamente, um rapaz vem da sala de cerimônias com uma pequena bacia, um jarro água e uma toalha. A indiferença vai lavar as mãos. O destino do acusado é silencioso, mas oficial e sumariamente desprezado. Com o poder nas mãos, o Procurador foge à responsabilidade de Juiz e, procurando inocular-se da sorte que puder sobrevir à vítima, mancha sua toga no indiferentismo, dá medida que os jatos do líquido lhe vão caindo nas mãos e à medida que os seus braceletes roçam trêmulos, ruidosos e reluzentes nas bordas da bacia, como uma cantante fonte artificial.

Para a posteridade resta mais um símbolo trágico: o Procurador exemplifica, cercado de pompa, de cerimônias e de autoridade como renunciar a uma decisão de competência exclusivamente individual.

# ESTÓRIA DO CÉU

*Victor Barrie Knapp*

O fato que lhes relatarei agora teve início há alguns milhões de anos atrás.

Conforme é do conhecimento de todos, o Criador tem uma espécie de ajudante, conhecido vulgarmente pelo apelido de Natureza. Sim, senhores, Natureza é “êle” e não “ela”, como pensavam, e costuma ficar irritadíssimo quando alguém começa a chamá-lo de mãe-natureza e outras baboseiras mais (e não é senão por isso que, vez por outra, nos manda temporais, trombas-d’água, etc.).

Pois bem, encontrava-se o Criador, certo dia, calmamente refestelado em sua poltrona preferida nos Céus, quando Natureza chegou da Terra com o tédio desenhado

— Certamente que sim, meu filho. E é por isso que nunca me canso de elogiar-te. Huummmm... Caso não basto para te satisfazer a vaidade?

— Oh, sim, Senhor! Isto não deixa de ser para mim uma grande e imerecida honra. Mas, Senhor, um elogio partido sempre da mesma pessoa torna-se, digamos assim... um tanto trivial, perdendo, desse modo, muito do seu valor. Evidentemente não quero dizer com isto que Vosso elogio não vale nada para mim, absolutamente. Queria apenas que ele viesse de mais alguém. Lembro-me bem, aliás, quando me dissestes um dia, que não se deve jamais acreditar na sinceridade de um elogio que não tenha sido feito por mais de duas pessoas de lugares completamente diferentes.

— Estás insinuando que sou mentiroso?

— Jamais, Senhor meu! Mesmo porque não teríeis nunca necessidade de sê-Lo.

— Evidentemente que não preciso de sê-lo. Ora não faltava mais nada! Imagine só, o Criador do Universo tendo necessidade de usar selos para ter sua palavra acreditada. Incrível!

— Senhor, não me estais entendendo. Eu disse sê-Lo do verbo ser. Disse que jamais teríeis necessidade de ser mentiroso. Quanto ao que desejo de Vós é apenas alguém que me elogie o trabalho sôbre a Terra.

O Deus soltou a respiração e sorriu resignado.

— Compreendo, meu filho, compreendo. Criarei então... vejamos... criarei o Peixe. Ele te amará pelos teus córregos. Que maior elogio pode existir do que o amor de alguém por nós? "Que apareça o Peixe!"

E ditas estas palavras, acompanhadas de certo gesto, "pluft", apareceu um peixe no Céu e morreria, certamente, sufocado se o Criador não o lançasse imediatamente para a Terra.

— Ainda uma vez obrigado, Senhor meu. Mas...

— Já sei, já sei, quem te elogiará os montes e campinas verdejantes, não é? Pois bem, criarei os animais que amarão Natureza pelos prados e montanhas. "Que apareçam cavalos, bois, tigres e leões, que apareçam os animais!"

E assim aconteceu. Apareceram animais das mais diversas espécies, os quais foram colocados nas planícies verdejantes. Assim, Natureza aprendeu a dar existência aos animais irracionais.

O criador falou então: — Bem, Natureza, espero que estejas satisfeito agora.

— Verdade, Senhor, verdade. Estou satisfeitíssimo com a Vossa generosidade. Mas a minha ventura seria completa se criásseis para mim um animal que me elogiasse e amasse pelas três coisas ao mesmo tempo. Pelos córregos, pelas árvores e pelos montes e campos, por tudo o mais, enfim. Um que possuísse inteligência, por exemplo.

O Criador franziu o sobrolho.

— Pedes-me demasiado, filho. Queres que eu crie o Homem, disse gravemente, e nisto não te poderei jamais atender.

— Acaso não tendes poder suficiente para criar o Homem? perguntou Natureza ousadamente, com um sorriso malicioso.

— Bem sabes que sim, Natureza, bem sabes que sim! E para que não mais finjas duvidar de meus poderes, criarei o Homem e o destruirei imediatamente. "Que surja o Homem!"

Assim dito, "pluft", apareceu um homem, desorientado, com

acredita, coloque-se na situação daquele primeiro homem, recebendo pela cara uma revelação de tal monta. Não é brincadeira. É enfarte na certa!

Mas voltando ao tronco desta narrativa, vemos que sobrou na Terra a mulher, sózinha, sem saber o que fazer sem um homem que o fizesse por ela.

Foi então que o Criador resolveu destruí-la também, dizendo-lhe: — Minha filha, és a mulher mais feia que já criei desde que me meti nessa embrulhada com você.

Entretanto, ao invés de morrer como era esperado pelo Criador, a mulher começou a chorar.

O Criador, meio desconcertado com aquêle pequeno, porém inesperado fracasso, chegou-se-lhe mais perto falando em seu ouvido:

— Não esperes que volte atrás no que disse. És horrível mesmo! E não adianta chorar.

Aí, a mulher desmaiou.

O Criador e Natureza entreolharam-se, êste com cada ôlho dêste tamanho e Ele cofiando sua magnífica barba branca.

— Vê, Natureza, como a pobre luta desesperadamente por u'a mentira?!

Disse isto ao tempo em que criava um balde cheio d'água, que foi derramada totalmente no rosto da mulher, que acordou esbaforida, ou pelo menos fingiu fazê-lo, cuspidno água por todos os lados. E ouviu do Criador estas palavras: — Minha filha, todos êstes truques que empregastes não irão te adiantar em nada. Eu sou o Criador do Universo e se estou dizendo que és feia e velha, é porque efetivamente assim o és e não tenhas a menor dúvida disto. São palavras que brotam dos lábios daquele que te deu existência!

Chegando à conclusão do que era na realidade, a mulher teve um "troço" e morreu desgostosa.

O Criador emitiu um suspiro ruidoso e, virando-se para seu eterno ajudante, perguntou: — Ainda duvidas de mim, filho?

— Longe de mim pensar tal coisa! Pelo contrário, sempre superestimei-Vos em todos os atos que Vos propusestes realizar. E vejo que sempre vos saistes muito bem, respondeu Natureza já refeito do aparvalhamento de havia pouco.

É inútil usares a bajulação para comigo, meu filho. És um excelente rapaz, inteligente, dono de ótima iniciativa, etc., etc. Teus únicos defeitos, dos quais é absolutamente necessário que te corrijas, são os de seres excessivamente vaidoso e por demais ambicioso. E se não o fizeres, chegará o dia em que estarás em palpos de aranha para livrar-se de alguma situação difícil com que fatalmente irás ver-te de braços, se continuares assim.

Mas Natureza estava muito entretido em seguir o fio de seus próprios pensamentos para dar ouvidos ao sermão que o Criador houvera por bem dar-lhe. E que uma idéia não cessava de cutucar-lhe o cérebro. Criar o Homem.

O Criador, pensando que Natureza iria dali por diante fazer o possível para corrigir seus defeitos, encostou-se preguiçosamente na poltrona, cerrou os olhos e pôs-se a dormir um soninho de alguns milhões de anos, se não mais.

Natureza, depois de esperar silenciosamente alguns poucos meses, levantou-se de onde estivera sentado todo êsse tempo e afastou-se da presença de seu Senhor, já agora com o firme propósito de colocar em immediata execução aquela idéia que lhe viera à cabeça. Resolveu que criaria êle mesmo o homem e a mulher, enquanto o Criador estivesse dormindo e colocaria ambos sobre a Terra. Quando o Deus acordasse, Natureza, que já sabia como fazer para destruí-los, faria cair uma tromba d'água ou coisa parecida e pronto, estaria tudo acabado para o pobre homem e a não menos pobre mulher.

E assim agiu êle, da mesma maneira como observara o Criador fazer.

"Pluff", apareceu o homem. "Praack", apareceu a mulher. Satisfeito com a sua obra, e como estivesse algo cansado, resolveu tirar uma sesta de alguns milhões de anos e, quando acordasse, voltaria aos seus novos brinquedos. Antegozando a diversão que teria depois da sesta, puxou até o peito o seu cobertor de nuvens e começou, quase que de imediato, a roncar estrepitosamente.

Este foi o seu descuido. Dormiu enquanto os homens se proliferavam. E esta é a verdadeira história do Homem. Quando Natureza acordou, encontrou a Terra coalhada de homens. Milhões dêles. E não paravam de reproduzir-se. Natureza precisava acabar com êles antes que o Senhor Criador acordasse. O pior é que estavam muito longe de aceitar o que quer que fosse que lhes dissesse Natureza. Fêz com que caissem raios e temporais

sobre a Terra. Morreram muitos homens a princípio, mas depois aprenderam como defender-se dos coriscos e da tempestade, do frio e do calor. E dominaram Natureza. E continuaram a reproduzir-se através os séculos. E hoje é esta bagunça que aí está.

Contei tudo isto, para dizer que hoje o Criador acordou daquele soninho. Olhou para a Terra e ficou tremendamente aborrecido com o que se lhe deparou à frente, chamando Natureza à Sua presença.

Este veio incontinenti, cabisbaixo, mãos nos bolsos, enfim, completamente derrotado, sem ação, acabrunhadíssimo. E o Criador perguntou-lhe: — És tu o responsável por esta baderna? e apontou para as cidades dos homens cheias até o pescoço de pecados e malfeitos.

Natureza, todo arrependimento, respondeu afirmativamente, com um meneio de cabeça, sem despregar os olhos do solo.

— Pois então trate de destruí-los, imediatamente! Vamos, que estás esperando?

— Senhor, perdoai-me, falou Natureza, eu quis ser tão poderoso quanto Vós e agora vejo-me nesta situação. Criei os homens, descuidei-me e aí está o que aconteceu. Eles me dominaram e, Senhor meu, não sei mais o que fazer para acabar com esta maldita raça! Oh, perdoai-me, Senhor, perdoai-me, por favor! e começou a chorar desesperado.

O Criador que estivera até então de tal modo irado, compunha-se da situação de seu ajudante e falou-lhe em palavras amenas para contemporizar: — Não chores, meu filho. Errastes e caíste em aflição, mas estás arrependido. Eu te perdoo.

— Mas, Senhor, meu erro foi demasiado grave. Criei-os e já não há mais quem possa destruí-los.

O Criador sorriu complacente: — Mau, mau. Pelo que vejo, continuas com aquela horrível mania de duvidar de minha força. Mostrar-te-ei, de uma vez por todas, que minha força é ilimitada. E queres saber como darei fim aos homens? Da mesma forma como os destruí da outra vez em que os criei, há muito tempo atrás, quando, como agora, só me davam desgostos. Sim, farei com que se destruam a si próprios. “Que os homens tenham um pouco mais de saber em bem menos inteligência!” decretou o Deus magnífico.

Aí, o homem inventou a bomba de hidrogênio.

## SURREALISMO

Reginaldo Seixas Fonteles

Dois olhos sanguinolentos, despojados de suas órbitas, perseguiram-nos dentro da noite. O suor colara as vestes à nossa carne. Um cheiro nauseabundo de suor, sangue e carne decomposta, impregnara os ares. Corremos muito, depois caímos extenuados... As pulsações de nossos corações, de tão altas, eram ouvidas nitidamente.

Os olhos desapareceram... Quando pensamos estar a salvo, surgiram à nossa frente seres nus sem sexo definido. Estes caminhavam lentamente enquanto murmuravam exorcismos fúnebres. A um só tempo aceastamos nossos olhares em direção de suas faces; vimos que lhes faltavam os olhos. — Pensamos... vieram buscar os olhos que nos perseguiram minutos atrás. Ao se aproximarem — percebemos suas verdadeiras intenções: queriam mutilar nosso sexo, colocando-nos em iguais condições às suas. Por que? Não imaginamos... Quando estavam prestes a nos alcançar, um de nós desnudou-se, e como tivéssemos estreita afinidade psíquica, procedemos todos da mesma forma.

Achegaram-se, confundimo-nos, e principiamos uma coreografia lúgubre. Não sentimos mais as limitações do tempo.

Talvez houvessem passado horas, meses ou anos... não percebemos.

Parece que dormimos, e quando despertamos, achamo-nos noutro lugar, mais estranho e desprovido de vida, que os outros em que estivéramos. Onde estávamos? Não sabíamos...

Despertamos lenta e preguiçosamente ao som de flautas e violinos. A música era sonora, dolente e penetrante até os ossos.

Enlouquecemos.

A música cessou. — Recobramos a memória, no entanto não éramos os mesmos de outrora; éramos possessos. Sabíamos estar em um mundo, mas em nosso redor não existiam flôres, árvores, nem mesmo vida, a não ser as nossas. Olhamos para o céu, êste não existia; em seu lugar havia um vazio imenso.

De onde vieram os sons? Os instrumentos? — Um de nós falou: — Somos um todo dentro do nada.

Rimos. — O riso prolongou-se no éter.

Tínhamos certeza de estarmos andando, e, entretanto, sob nossos pés não havia chão, sequer um ponto de apoio.

Alguém disse: — Será êste o outro lado da vida? Olhamos para êle com desprezo.

Aquilo não era céu nem era inferno. Era nada...

Todos nós dissemos em voz uníssona: — Somos espíritos em busca de matéria.

Saímos.

Andamos muito e não chegamos a parte alguma. Então, alguém propôs que esquecêsemos...

Esquecemos...

No estado de esquecimento vimos novamente os olhos sanguinolentos, os seres sem sexo definido e as flautas e violinos. Estes, perseguiram-nos... Corremos dentro do vazio, até o cansaço se nos abater.

Houve uma reverberação que se prolongou uma eternidade. Depois, tudo se refez. Vimo-nos em um mundo de Verdade. Casas, gente, flôres por tôda parte...

Engraçado!... A transmutação de mundos fêz com que nos interessássemos e nos transformássemos em Um. Deixamos de existir individualmente. Eramos muitas almas em um só corpo. Tínhamos pensamentos e desejos unificados.

Caminhamos através de ruas pavimentadas, sem intentarmos chegar a alguma parte. Os Homens(?) com quem cruzávamos de instantes a instantes, eram diferentes e indiferentes. Pareciam não notar nossa presença.

Qual seria o verdadeiro, nós em Um, ou o mundo circundante? — Levantamos dúvida... Casas e gente não justificam um mundo, afirmamos. Flôres?! Estas sim, poderiam dar a certeza da real existência dêste. Como? — Pelo aroma!... pelo matiz!... Verificamos, posteriormente, que eram falsas as flôres: tinham tudo de flor, entretanto faltava-lhes o aroma, o perfume.

Permanecia a dúvida. Esta, tornou-se nosso apanágio durante alguns instantes, depois do que aventamos uma nova solução: gritar; tão alto, que perturbasse a gente daquêle mundo. Gritamos, mas nossa grita não se propagava, perdia-se no âmago de nós mesmos.

A noite precipitava-se sôbre o dia; e ainda não havíamos compreendido o complexo e a desconexidade, insere entre nós e aquêle mundo.

Escureceu.

A treva parou a vida; tudo deixou de existir, exceto nós e um silêncio de morte.

Tudo se desintegrou.

Em um dado instante nossas vidas utópicas destituíram-se de sentido. Principiamos a viver um sonho dentro de um sonho.

Depois, muito depois... surgiu um vazio límpido. Nós não resistimos a tamanho impacto de loucura; voltamos ao ponto de partida, através do psiquismo onírico.

# A SOMBRA NUA

*Guido Heleno*

A lembrança era de Selminha nua, dançando lânguida com aquêlê corpo que êle tanto amava. Os olhos brilhavam sem rumo e um sentimento crescente de piedade e desespero espumava em sua bôca. Cuspia êle, então, tôda sua existênciã na sôlida rua e tentava esquecer tudo. Sentia então uma vontade louca de perder a memória e sair cantando, rindo, chutando latas velhas por uma estrada deserta e sêca. Uma estrada da qual êle contemplasse ao pôr-do-sol uma poeira fina e colorida se elevando para o céu.

Olhou para o alto. Não encontrou nenhuma estrêla para apoiar os olhos vermelhos. Apoiou sua cabeça em duas mãos compridas e um pouco magras e fechou os olhos cuidadosamente. Sentiu um frio percorrendo o corpo sentado e que tudo recomeçava.

No início as imagens eram confusas e tímidas. Pareciam vindas de longe com seus cabelos molhados e seus olhos de cego. E depois, tornavam-se reais. Então a festa reiniciava em meio à música e aos risos.

Selminha lançava os dados atenta. Era o jôgo e ela estava nêle. Os cubos paravam e todos anunciavam uníssonos: “onze”. Ela perdera, ela perdera outra vez. Afundava o dedo sôbre o gêlo desgastado e o lambia depois. A verdade é que tentava reagir, lutar, dizer a verdade para que todos soubessem. Infelizmente era o jôgo, o maldito jôgo. O seu corpo pesava e uma covardia



# ZONA

*Hermes Brasil de Souza*

Era o meio da viagem. Ao todo duraria um dia. Aquela seria a parada mais longa. Meia hora, daria tempo para o almoço.

O ônibus parou; saltei, espreguicei-me com reserva. A posi-

E eu escutei dos lábios daquele ser pequenino a monstruosa verdade em quatro letras. Não perguntei mais nada, entramos no bar, pedi um copo de leite e pão; parecia zozzo, um incrível sorriso saiu do meu interior. O menino sorvia em goles apressados como se tudo nêle fôsse uma eterna fuga, o bigodinho branco do leite transformou-o num *clown*, eu apenas olhava.

Esperei que êle tomasse o mais depressa possível e fui falando coisas que me saíam, adeus menino, cuidado, outra vez eu passo por aqui, você não deve faltar à escola, seria bom se você estivesse trabalhando ali, e apontei um banco.

O garôto não dizia nada. Apenas engolia o pão, talvez não entendesse muito o que eu estava dizendo, e a escola talvez existisse sômente na minha imaginação. Mais tarde pude ver que o que falei, foi apenas para mim, uma desculpa odienta para a consciência, para a classe de sêres dos quais eu era também um representante.

Saíu correndo dali e vi-o sumir na esquina. Um repucho forte no meu peito, e a minha alma ainda demente pelas palavras, uma espécie de soluço veio até minha garganta, reprimi-o com força.

Logo olhei uma vitrine, mas nela vi o menino. Comecei a volta para o ponto do ônibus, estava se esgotando o tempo e eu partiria. Em tôda parte via-o correndo, o seu bigodinho branco. Olhei para trás e virei rápido como se me desculpando por tê-lo feito. Vi apenas muita gente com pressa, depois o vendedor de maçãs, o guarda, tudo numa ordem aparente. Todos pareciam dizer que não precisava que eu estivesse com todo aquêlê péso, ninguém notava o meu estado, talvez dissimulasse bem.

Sentei-me no ônibus e através do vidro olhei outros engraxates e através dêles vi o inferno, a cama suja, a ponta do cigarro, a pancada. Baixei os olhos para fugir, e escutei em chôro baixinho quando em noites, só, êle sentia alguma dor.

E a martelar as quatro letras que êle murmurou: ZONA.

## LEMBRANÇAS DA CHINA

*Carlos Farias Pontes*

Quase tragado pela corrosão inclemente dos tempos, mas ainda vivo de reminiscência, jaz a um canto meu velho álbum de fotografias. Uns e esquisitos desenhos cingem-lhe as páginas. E tem um estilo oriental e portanto pleno de silêncio, respeitabilidade, tradição e morte. E quando o espírito se cansa e a solidão desapiedada avança de dentro de mim que me debruço no velho álbum e revejo outros tempos e terras que suas páginas tornaram imperecíveis.

Fui criado na China. Meus pais eram missionários protestantes, latino-americanos de origem, mas radicados em Nanquim. Lá eu vi crescer um povo diferente, sacudido por convulsões sociais as mais inquietantes, que culminaram afinal na China dos nossos dias.

Hoje, revivendo fatos e paisagens chinesas, sinto que, intimamente, as raízes que me brotaram foram alimentadas com seiva chinesa. De quando em quando me atormenta a idéia de repartir o meu sentimento cívico entre a pátria que me viu nascer (a América) e àquela em que cresci. E como se eu me bipartisse: como se a matéria que existe em mim fôsse latino-americana, e o espírito que dela se apossa e que, por isso mesmo, a vivifica, fôsse tão chinês como os velhos plantadores de arroz das colinas de Nanquim.

O velho álbum de fotografias é que me lembra todo êsse mundo, ora de difícil acesso aos ocidentais, e que, àquela época.

acatava com curiosa naturalidade uma gama inacabável de gente das mais diversas nacionalidades. Meu álbum é como a história: nêle os fatos se desenrolam cronològicamente: primeiro, a decadência, o caos; depois, a Revolução Nacionalista, chefiada pelo velho Chiang Kai Chek. Acabou-se o domínio dos "generais" e os comunistas foram varridos do imenso país e encurralados nas montanhas. Lá se reagruparam sob a tutela do jovem e valoroso Mao-Tse-Tung. De resto, todos sabem o que aconteceu.

Agora êle me trouxe o cruel pensamento de que aquêlê laborioso povo foi arrastado para o que hoje é por falta de líderes que o conduzissem ao seu verdadeiro destino. Não foi Chiang Kai Chek quem soube descobrir o que realmente importa ao povo: pão. E enquanto dispendia somas fabulosas na luta contra os comunistas, êstes angariavam a simpatia da turba faminta. Se os líderes nacionalistas tivessem voltado os olhos para a fome do povo e tratado de alimentá-lo, nem a história teria registrado terrível desastre.

Diferentemente dos outros dias, ao olhar meu velho álbum de fotografias, penetrou-me lento uma infinda melancolia pelas reminiscências que me fêz recordar: a velha China feudalista. Entristece-me sabê-la dominada pela praga materialista que é o comunismo.



## ÍNDICE

	Pág.
Prefácio — <i>E. D'Almeida Vitor</i> .....	3
Nota dos Editôres .....	5
<i>Maria de Lourdes Teodoro</i>	
Magia Infernal (poesia) .....	7
Morte Irresoluta (conto) .....	17
<i>Carlos Farias Pontes</i>	
Paranoá (poesia) .....	9
Lembranças da China (crônica) .....	45
<i>Alice Fontes de Carvalho</i>	
Vê? (poesia) .....	11
<i>Luciano Bemfica</i>	
Depois da Chuva (poesia) .....	13
<i>Marcos Ribas</i>	
Ascensorista (poesia) .....	15
<i>Francisco de Paula S. Mendes</i>	
O Juiz e o Réu (conto) .....	21
<i>Victor Barrie Knapp</i>	
Estória do Céu (conto) .....	29
<i>Reginaldo Seixas Fonteles</i>	
Surrealismo (conto) .....	35
<i>Guido Heleno</i>	
A Sombra Nua (conto) .....	39
<i>Hermes Brasil de Souza</i>	
Zona (crônica) .....	43
<i>Moacir Rodrigues Santos</i>	
Côres (crônica) .....	47

ANTOLOGIA DE ALUNOS ESCRITORES  
CENTRO DE EDUCAÇÃO MÉDIA ELEFANTE BRANCO

Caro amigo

*O seu voto de confiança ao comprar a "Antologia" simbolicamente, quando muitos de nós ainda vacilavam quanto ao seu êxito, foi a confirmação de que só quando fundamentado, o otimismo pode incentivar as iniciativas.*

*Tudo era apenas um ideal quando recorremos à diretoria do colégio e esta, colaborando conosco nos deu liberdade de ação dentro do Elefante Branco em prol da "Antologia". Indicou-nos um orientador e os professores Arimathéa Athayde, M. Socorro e ainda o mestre e escritor Arnaldo Brandão para selecionarem os melhores trabalhos que comporiam a nossa coletânea.*

*O ideal era mimeografar o livro e a impressão em gráfica uma utopia.*

*Não havíamos elaborado um plano financeiro, mesmo porque até ali, não éramos ainda um grupo formado. O ideal era de dois ou três. O que poderíamos fazer?*

*Ter esperança, ser otimistas e fundamentar em alguma vitória este otimismo.*

*E foi o nosso Grêmio Estudantil Centro de Ensino Médio através de seu presidente, Ronaldo Junqueira, que como você, nos ajudou, dando-nos a primeira prestação para que fôsse iniciada a composição no tempo imediato. Como numa interação mental, igualmente ajudou-nos a Gráfica Horizonte — nossa Editôra — quando com sua atitude cooperativista e a sugestão de um plano econômico, deu-nos a oportunidade de publicar a "Antologia" em 1.200 exemplares.*

*Nisso apoiaram-se todos os nossos passos subseqüentes, pois isso foi o estímulo inestimável para o trabalho do grupo.*

*Principiantes que somos, esperamos continuar merecendo o seu apoio no sentido de realizar o nosso ideal que é divulgar e, conseqüentemente, incentivar a produção literária embrionária.*

A COMISSÃO ORGANIZADORA

GRÁFICA HORIZONTE  
— EDITORA —  
S.I.G. - T. 2 - L. 375/395  
FONES: 2-7700 - 2-7701 - 2-7702  
Brasília - D. Federal